

A sucessão já isola Sarney no Planalto

Allton C. Freitas



Sarney à saída do Palácio: sem nenhum político à sua espera

Celson Franco

O presidente José Sarney está cada vez mais isolado no terceiro andar do Palácio do Planalto, impossibilitado de influenciar na sua sucessão e, pela absoluta falta de apoio parlamentar, incapacitado até de governar com plena liberdade de movimentos com os instrumentos de que necessita. Como reconhece um amigo seu de muitos anos, o deputado Prisco Viana, "a situação dele é muito difícil".

O clima no Palácio do Planalto, e especialmente o estado de espírito do presidente José Sarney, é já de conformismo com a situação de impotência diante dos fatos. Ele sabe que perdeu a guerra para a inflação e que não pode sequer apoiar qualquer um dos candidatos à Presidência, porque isso representaria desgaste para quem tivesse esse apoio. Ele apenas espera o tempo passar, nutrindo a esperança de que, no futuro, seja reconhecido pela história como o condutor do processo de transição democrática.

Não era isso que Sarney queria. Ele desejava fazer um bom Governo e, conseqüentemente o seu sucessor. Tinha até um cronograma. De acordo com os seus planos,

a economia começaria a dar os primeiros sinais de recuperação em janeiro, talvez um pouco mais tarde, mas chegaria à metade do ano reordenada, o que lhe permitiria recuperar a popularidade e influenciar, decisivamente, nas eleições presidenciais.

Frustração

Deu tudo errado. Não conseguiu derrotar o que ele mesmo chamava de "o monstro da inflação" e, com a campanha para as eleições de 15 de novembro, transformou-se no "Judas nacional", no "pau de galinheiro do País", como nota o deputado Luís Roberto Ponte, líder do Governo na Câmara.

Falar mal, "bater" no presidente José Sarney ainda dá voto. Mas nem mesmo os ataques dos candidatos à sua sucessão ele merecerá, daqui a algum tempo. E sabe disso. Ele tem dito a alguns de seus amigos que com o decorrer da campanha os candidatos vão esquecê-lo, atacando-se uns aos outros.

O presidente José Sarney espera ser esquecido pelos seus agressores, e sabe-se que será abandonado

pelos seus auxiliares, aqueles que têm projetos políticos próprios. No Palácio do Planalto já se fala na corrida de importantes ministros de Estado para as candidaturas de Fernando Collor e de Leonel Brizola.

Cansaço

Esse clima de abandono, de conformidade com a situação, não é apenas do Presidente da República. Ele toma conta hoje de praticamente todos os funcionários do Palácio do Planalto, onde o estado de espírito é de cansaço. Há nos funcionários, como no presidente Sarney, e como aconteceu com o ex-presidente Figueiredo, o desejo de que "esqueçam a gente".

Mas o presidente José Sarney ainda guarda a confiança de que o processo de transição democrática se conclua, de que as eleições presidenciais se realizem e que o candidato eleito tome posse. Seria essa sua única vitória. O deputado comunista Fernando Santana, que conversou com ele antecorrem, disse que deixou o Planalto "não tão pessimista como entrei, mas não tão seguro como o Presidente".

Bloco governista se dispersa

Consciente de que os parlamentares estão preocupados com a reeleição e se articulando em torno dos presidentiáveis, o presidente José Sarney desistiu, de vez, de reorganizar um bloco governista no Congresso Nacional. O senador Marcondes Gadelha e o deputado José Lourenço, líderes do PFL, que sempre estiveram na linha de frente na defesa dos interesses governamentais no Parlamento, já perderam a esperança de aprovar propostas impopulares do Planalto, como a que aumenta as alíquotas de contribuição da Previdência Social.

O deputado Daso Coimbra, do PMDB do Rio de Janeiro, e integrante da ala governista, não tem dúvida: "O presidente José Sarney tem ainda alguns amigos no Congresso Nacional, mas já não tem mais uma base parlamentar. Ele é o sol que está se pondo e todos aqui estão voltados para o sol que vai surgir no horizonte com a eleição presidencial".

Para Gadelha, a expectativa de Sarney é de pelo menos sair da linha de fogo, na medida em que a campanha presidencial esquentar: "Nesta fase de aquecimento, todos os candidatos o estão criticando. Mais adiante, vão trocar críticas entre si, porque criticar o Governo não distinguirá um do outro junto à opinião pública".

Bom senso

A questão de se coloca aos políticos é de como, num quadro de crise econômica, o presidente José Sarney governará nos próximos dez meses sem qualquer base parlamentar. Ao longo de seu governo, Sarney tentou articular este apoio político, mas só o conseguiu esporadicamente. Sua maior demonstração de força foi quando conseguiu assegurar um mandato de cinco anos. Para Gadelha, não deverá haver dificuldades adicionais para o Planalto: "Nós já estamos perdendo há algum tempo todas as votações. O presidente José Sarney espera que os presidentiáveis, com chances reais de vencer a eleição, impeçam que os parlamentares ponham fogo no circo, e adotem um comportamento de bom senso".

Gadelha e Daso Coimbra fazem a mesma avaliação sobre o bloco governista: "Não há qualquer articulação orgânica do Governo no Congresso. E nem há mais condições de fazê-la. Cada parlamentar está apostando no seu futuro", constata Gadelha.

José Lourenço tem a mesma opinião, mas centra suas críticas no PMDB: "Não é apenas o Governo que está em jogo, mas o País. O PMDB, irresponsável, quer falir o estado para eleger o deputado Ulysses Guimarães presidente da República. Assim, o

Governo não tem como enfrentar a crise econômica, adotando medidas sérias de corte de despesas. É a política do quanto pior, melhor".

Vazio

Desarticulado e sem força no Legislativo, o Governo, segundo Gadelha, conta também com a desaceleração dos trabalhos do Congresso Nacional a partir do final deste mês: "Em julho, o recesso; em agosto, inicia uma longa temporada de Parlamento esvaziado". José Lourenço vai mais longe e defende abertamente a paralisação do Legislativo: "Para que fazer mais leis? Para ajudar a campanha eleitoral do douto Ulysses?"

A alternativa vislumbrada pelos poucos políticos governistas ainda fiéis ao Planalto é de que a sistemática falta de quórum no segundo semestre deste ano possibilite ao Governo legislar através de consecutivas medidas provisórias. Isto, na avaliação da cúpula do PMDB, seria um desastre para a candidatura de Ulysses. O PMDB mobilizará seus parlamentares para estarem em Brasília em algumas votações eleitoralmente importantes. Dentre elas, a rejeição da medida provisória que aumenta as alíquotas da Previdência Social e a votação de algumas leis complementares. (Andrei Meireles)